

FOLHA DE S.PAULO **opinião**

São Paulo, segunda-feira, 08 de outubro de 2007

[Texto Anterior](#) | [Próximo Texto](#) | [Índice](#)**TENDÊNCIAS/DEBATES****Pensamentos de um "correria"****FERRÉZ**

"Ele não terá homenagem póstuma se falhar. Pensa: "Como alguém usa no braço algo que dá pra comprar várias casas na quebrada?"

ELE ME olha, cumprimenta rápido e vai pra padaria. Acordou cedo, tratou de acordar o amigo que vai ser seu garupa e foi tomar café. A mãe já está na padaria também, pedindo dinheiro pra alguém pra tomar mais uma dose de cachaça. Ele finge não vê-la, toma seu café de um gole só e sai pra missão, que é como todos chamam fazer um assalto. Se voltar com algo, seu filho, seus irmãos, sua mãe, sua tia, seu padrasto, todos vão gastar o dinheiro com ele, sem exigir de onde veio, sem nota fiscal, sem gerar impostos. Quando o filho chora de fome, moral não vai ajudar. A selva de pedra criou suas leis, vidro escuro pra não ver dentro do carro, cada qual com sua vida, cada qual com seus problemas, sem tempo pra sentimentalismo. O menino no farol não consegue pedir dinheiro, o vidro escuro não deixa mostrar nada. O motoboy tenta se afastar, desconfia, pois ele está com outro na garupa, lembra das 36 prestações que faltam pra quitar a moto, mas tem que arriscar e acelera, só tem 20 minutos pra entregar uma correspondência do outro lado da cidade, se atrasar a entrega, perde o serviço, se morrer no caminho, amanhã tem outro na vaga. Quando passa pelos dois na moto, percebe que é da sua quebrada, dá um toque no acelerador e sai da reta, sabe que

os caras estão pra fazer uma fita.
Enquanto isso, muitos em seus carros ouvem suas músicas,
falam em seus celulares e pensam que estão vivos e num país
legal.

Ele anda devagar entre os carros, o garupa está atento, se a
missão falhar, não terá homenagem póstuma, deixará uma
família destroçada, porque a sua já é, e não terá uma
multidão triste por sua morte. Será apenas mais um coitado
com capacete velho e um 38 enferrujado jogado no chão,
atrapalhando o trânsito.

Teve infância, isso teve, tudo bem que sem nada demais, mas
sua mãe o levava ao circo todos os anos, só parou depois que
seu novo marido a proibiu de sair de casa. Ela começou a
beber a mesma bebida que os programas de TV mostram nos
seus comerciais, só que, neles, ninguém sofre por beber.

Teve educação, a mesma que todos da sua comunidade
tiveram, quase nada que sirva pro século 21. A professora
passava um monte de coisa na lousa -mas, pra que estudar se,
pela nova lei do governo, todo mundo é aprovado?

Ainda menino, quando assistia às propagandas, entendia que
ou você tem ou você não é nada, sabia que era melhor viver
pouco como alguém do que morrer velho como ninguém.
Leu em algum lugar que São Paulo está ficando indefensável,
mas não sabia o que queriam dizer, defesa de quem? Parece
assunto de guerra. Não acreditava em heróis, isso não!

Nunca gostou do super-homem nem de nenhum desses caras
americanos, preferia respeitar os malandros mais velhos que
moravam no seu bairro, o exemplo é aquele ali e pronto.
Tomava tapa na cara do seu padrasto, tomava tapa na cara
dos policiais, mas nunca deu tapa na cara de nenhuma das
suas vítimas. Ou matava logo ou saía fora.

Era da seguinte opinião: nunca iria num programa de
auditório se humilhar perante milhões de brasileiros, se
equilibrando numa tábua pra ganhar o suficiente pra cobrir as
dívidas, isso nunca faria, um homem de verdade não pode ser
medido por isso.

Ele ganhou logo cedo um kit pobreza, mas sempre pensou
que, apesar de morar perto do lixo, não fazia parte dele, não
era lixo.

A hora estava se aproximando, tinha um braço ali vacilando.
Se perguntava como alguém pode usar no braço algo que dá
pra comprar várias casas na sua quebrada. Tantas pessoas
que conheceu que trabalharam a vida inteira sendo babá de
meninos mimados, fazendo a comida deles, cuidando da
segurança e limpeza deles e, no final, ficaram velhas,
morreram e nunca puderam fazer o mesmo por seus filhos!
Estava decidido, iria vender o relógio e ficaria de boa talvez
por alguns meses. O cara pra quem venderia poderia usar o
relógio e se sentir como o apresentador feliz que sempre está
cercado de mulheres seminuas em seu programa.

Se o assalto não desse certo, talvez cadeira de rodas, prisão ou caixão, não teria como recorrer ao seguro nem teria segunda chance. O correria decidiu agir. Passou, parou, intimou, levou.

No final das contas, todos saíram ganhando, o assaltado ficou com o que tinha de mais valioso, que é sua vida, e o correria ficou com o relógio.

Não vejo motivo pra reclamação, afinal, num mundo indefensável, até que o rolo foi justo pra ambas as partes.

REGINALDO FERREIRA DA SILVA , 31, o Ferréz, escritor e rapper, é autor de "Capão Pecado", romance sobre o cotidiano violento do bairro do Capão Redondo, na periferia de São Paulo, onde ele vive, e de "Ninguém é Inocente em São Paulo", entre outras obras.

Leia o artigo de Luciano Huck em www.folha.com.br/072801

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo. debates@uol.com.br

Texto Anterior: [Frases](#)

Próximo Texto: [Mara Gabrilli: Não dá mais para esperar](#)

[Índice](#)